

TERRITORIALIDADES CANDEENSES: DE POLO DE ATRAÇÃO RELIGIOSA A CIDADE PETROLEIRA

DANIELA NUNES DO NASCIMENTO*

Esse artigo apresenta um recorte histórico-temporal do primeiro capítulo da dissertação de mestrado "Ouro Negro": Gênero, Trabalho e Prostituição em Candeias/Ba (1960-1985), defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Femininos/UFBA, em 2014, . Aqui, serão apresentadas algumas discussões sobre as principais transformações ocorridas na territorialidade, no cotidiano e na sociedade de Candeias/BA[1], em dois momentos específicos de sua história: quando se tornou centro de romaria religiosa e quando foi configurada como cidade petroleira. Para a construção dessa narrativa histórica foram consultados livretos de memorialistas, jornais, revistas, fontes orais, fontes iconográficas e bibliografias sobre o tema em análise.

Palavras Chaves: Candeias – Territorialidades – Religiosidade - Indústria

Introdução

O que é cidade? Como a cidade é sentida e percebida por aqueles/as que dela fazem parte? O olhar sobre a cidade tem se modificado, não sendo mais percebida exclusivamente como um núcleo político e urbano, mas, como uma célula social. A cidade influencia e é influenciada pelos acontecimentos e sujeitos que a constroem. E, pensando nessa cidade fluída, dinâmica, temporal e social que construímos esse artigo, indicando dois momentos de metamorfoses em Candeias/BA.

No primeiro momento, traça-se um panorama desde as origens de Candeias, quando foi colonizada no século XVI com a doação das sesmarias, em que a monocultura da cana-de-açúcar impulsionava os engenhos que circunscreviam o território. Enfoca-se o instante que

* Especialista em Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social/UERJ; Especialista Interdisciplinar em Estudos Sociais pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB e Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos PPGNEIM/UFBA. Email:danielannascimento@gmail.com

[1] Atualmente, Candeias compreende a Região Metropolitana de Salvador, também conhecida como Grande Salvador e pelo acrônimo RMS que foi instituída pela Lei Complementar Federal número 14, de 8 de junho de 1973. A RMS Compreende os municípios de Camaçari, Candeias, Dias d'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz.
Fonte: http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_salvador.pdfo. Acessado em 16 de junho de 2008

teve início na localidade, devido ao episódio milagroso no Engenho Pitanga, a devoção religiosa à Nossa Senhora das Candeias, territorializando o espaço como polo de atração religiosa.

Outro acontecimento, que é o segundo ponto de abordagem desse artigo, é a descoberta do primeiro poço comercial de petróleo do Brasil, no seu subsolo, em junho 1941. A descoberta de petróleo também transformou o cotidiano e a territorialidade candeense. Tal fato levou o governo brasileiro a construir, a apenas 6km de Candeias, a primeira Refinaria de Petróleo do Brasil, que proporcionou mudanças que marcaram a história do lugar, devido ao desenvolvimento econômico, urbano e social da região gerada pela circulação monetária após a chegada de trabalhadores migrantes de diferentes regiões da Bahia e do Brasil, que foram atraídos pela oportunidade de trabalho na indústria petrolífera.

Candeias: de engenhos de cana-de-açúcar a centro de peregrinação religiosa

Em Candeias aqui viemos
Uma promessa pagar
A vós rainha do céu
A vós rainha do mar
De longe somos chegados
Transportados [por] terra e mar
Somente para vossos pés
Postados hoje beijar[2].

Durante séculos a cultura da cana-de-açúcar caracterizou a economia e a sociedade do recôncavo baiano. Muitos engenhos de produção do "ouro branco" [3] contribuíram para a formação de pequenos vilarejos e aglomerações urbanas, povoando áreas até então inabitadas (NETO, 2003, p. 142). A história da formação de Candeias e de sua área urbana e populacional está intimamente vinculada aos diversos engenhos que funcionaram nas terras que compreendem o seu território, principalmente nas Freguesias de Nossa Senhora da Encarnação do Passé e Nossa Senhora da Piedade de Matoim.

[2]Cantiga popular entoada pelos romeiros em culto a Nossa Senhora das Candeias (EPIFANIA, 2008, p. 46).
[3]Devido ao seu grande valor comercial durante os primeiros séculos da colonização no Brasil, assim era chamado o açúcar.

A Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passé se originou entre os anos de 1563 e 1566, quando os padres jesuítas da Companhia de Jesus receberam uma sesmaria, onde se multiplicaram os canaviais com seus respectivos engenhos, a exemplo do Engenho Pitanga que foi constituído nessa freguesia quase no mesmo período, assim como outros no século XVII: Jacarenga, Restinga, Querente, Petinga, Engenho Velho de Água e Mamão, dentre outros (OTT, 1996, p. 32).

Segundo Santos (2008, p. 45), tudo começou ainda nas primeiras décadas do período colonial, quando em 1531, sob o comando de Martim Afonso de Souza, a Coroa portuguesa instalou o sistema de Capitanias Hereditárias para povoar e explorar a colônia portuguesa [4]. Consequentemente, no final do século XVI e início do século XVII, os territórios de Candeias começaram a serem formados, apresentando os primeiros sinais de mudanças e transições. Entre os anos de 1563 e 1566, os jesuítas receberam uma sesmaria que deu origem ao Engenho Pitanga. Em 1641, com a invasão holandesa ao Brasil, o engenho foi destruído parcialmente, algo similar ao que ocorreu com outros 15 engenhos do Recôncavo, sendo reconstruído posteriormente pelo seu proprietário Dom Felipe de Almeida. Desde 1630, já registrado em mapas antigos, o Engenho da Pitanga aparece com o nome de Nossa Senhora das Candeias, fazendo referência à capela que havia sido construída no local.

A construção da capela ocorreu a partir da história de um milagre nos fins do século XVII. Não dispomos de dados precisos, mas a tradição religiosa e a oralidade local contam que uma criança, cega de nascimento, dizia aos seus pais que constantemente tinha a visão de uma mulher convidando-lhe a segui-la. Por insistência da menina, os pais saíram do alto sertão (Piauí) acompanhando-lhe os passos. No percurso da viagem, movidos pelo cansaço, descansaram a beira de uma fonte e adormeceram. Naquela mesma noite, em sonho, a menina cega recebeu uma ordem de Nossa Senhora para banhar os olhos naquela fonte. Assim a menina fez, recuperando a visão. As narrativas sobre este acontecimento religioso apontam que essa fonte se encontrava nas terras do Engenho Pitanga. A notícia da estranha aparição e

[4]As Capitanias Hereditárias correspondem à divisão do território do Brasil Colônia em grandes extensões de terras, determinadas por Martim Afonso de Souza, por ordem do Rei Dom João III, as quais objetivavam facilitar a ocupação, a defesa e a exploração do território por parte dos migrantes de Portugal. Esses quinhões de terras foram entregues aos capitães-donatários, os quais, por sua vez, formaram um grupo bastante diversificado, tendo como elemento comum para a sua escolha a existência de ligações de proximidade com a Monarquia Portuguesa (ABREU, 1963).

do milagre chegou até os padres jesuítas que eram seus proprietários, construindo o Santuário em homenagem a Virgem. A partir daí, a notícia se espalhou para outras localidades e a fonte milagrosa passou a atrair centenas de pessoas de várias localidades que se tornaram devotos a Santa, voltando ao local em busca de milagres (EPIFANIA, 2008; NETO, 2003; SANTOS, 1989).

No ano de 1643, o engenho de Pitanga foi vendido ao Colégio dos Jesuítas de Salvador, onde no local da antiga ermida foi erguido o Santuário de Nossa Senhora da Candelária, assumindo importância local, superando o próprio engenho, pois passou a ser comum a existência de romaria em homenagem a Nossa Senhora das Candeias, dinamizando o povoado com a movimentação de fiéis a partir do comércio religioso realizado nas proximidades da Igreja (EPIFANIA, 2008, p. 2).

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1760, as terras pertencentes ao Engenho de Pitanga foram leiloadas e arrematadas pelo coronel Jerônimo Queiroz, florescendo, a partir desse episódio, um lugarejo com poucas casas que se acomodavam em torno da igreja, que passou a ser chamado de Nossa Senhora das Candeias, consequência da devoção em torno daquela capela e da peregrinação que faziam naquele local (NETO, 2003, p. 142).

Desde o episódio milagroso, atraídos pelo culto à Santa, centenas de devotos partiam de diversas regiões da Bahia e do Brasil. Chegar à localidade não era uma tarefa muito fácil e o transporte até então era feito somente em barcos ou saveiros, e aqueles que vinham das várias regiões que compõem o que denomina-se de sertão faziam centenas de léguas a cavalo ou a pé, enquanto outros se utilizavam de carros de bois. Apesar das dificuldades, as romarias passaram a ser constantes e numerosas. Nos períodos de festejos à santa padroeira, era movimentado o comércio local com a venda de imagens, santinhos e objetos de devoção. A visita dos romeiros, maiores a cada ano, também provocaram o surgimento de pontos de venda de refeições, de aluguel de casas de banho e de pensões para pouso (NETO, 2003, p. 143).

O local, considerado sagrado, passou a ser denominado de Candeias, florescendo como polo de referência religiosa e não mais como produtora do “ouro branco”. No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, as terras do engenho Pitanga foram perdendo sua importância econômica e passaram a cultivar somente a cana para as usinas que se

instalavam no Recôncavo (SANTOS, 2008, p. 46). A cultura e a fabricação do açúcar através das moendas manuais dos engenhos deram seus sinais de esgotamento. Assim, os proprietários dos engenhos de Candeias passaram a plantar cana e vendê-la às usinas de Maracangalha (Cinco Rios), Aratu e Santo Antônio, bem como para a Usina São Paulo e a Usina Pitanga que seguiram na Vila de Nossa Senhora das Candeias (SANTOS, 2008, p. 73).

No início do século XX, devido a essa nova atividade econômica, com o objetivo principal de escoar a produção das Usinas São Paulo e Pitanga, foi construída a linha ferroviária ligando a vila à capital (PRODUR, 2006, p. 09). A construção da Estrada de Ferro, nos fins do século XIX, possibilitou novas mudanças ao ligar Candeias a outros centros, facilitando o fluxo de pessoas e de mercadorias da região para a capital baiana e cidades do interior, contribuindo também para o aumento da crescente peregrinação, pois ocasionou aumento no número de romarias (EPIFANIA, 2008, p. 02).

Os trens, além dos romeiros, traziam banqueiros de jogos de azar, jogadores de rodas de vinte e um, barraqueiros, mascates, negociantes de miudezas, entre outros. Sobre as romarias e a peregrinação religiosa que aconteciam no pacato vilarejo de Candeias, Péricles Vasconcelos de Souza (SOUZA, [s. d.], p. 14), que viveu na localidade, destacou:

> Chegavam romeiros de todo o Recôncavo e sertão. Percorriam léguas no lombo do animal e a pé, estes em maior quantidade, pois não existiam estradas, nem carros, a não ser o carro de boi que servia de condução, inclusive para conduzir noivos e convidados para casamentos. A caravana de Maragogipe era a que mais despertava atenção, diante da quantidade de cavaleiros e o garbo que montavam com botas e arreios reluzentes. Do sertão, a começar por Feira de Santana, todo dia chegavam caravanas: - Vinham de Pedrão, Ouriçangas, Santa Barbara, Cansanção, Mundo Novo, Vila Nova da Rainha, etc. Tinham que beber a água da fonte milagrosa para curar as doenças, banhar os olhos para curar e evitar a cegueira, passar o barro milagroso pelo corpo, para sarar as feridas. Pagavam promessas, depositando na Sacristia, cabeça de cera, perna, pés, mãos, braços, depois de darem três voltas ao redor da Igreja cantando em devoção: “Em romaria viemos, uma promessa pagar, a vós excelsa princesa, a vós estrela do mar”

O núcleo inicial do arraial era formado pela Rua Direita (hoje Rua Sete de Setembro) e pelos Largos da Feira (atual Praça Dr. Francisco Gualberto Dantas Fontes) e Largo da Igreja. Ao lado da estação ferroviária, os largos da Igreja e da Feira eram os locais de maior movimentação de pessoas, principalmente romeiros (SANTOS, 2008, p. 93). Até o final da década de 1950, a feira era realizada aos sábados, embaixo de um barracão de zinco, passando

a constituir-se em um fator de integração, pois os chefes políticos locais e dos povoados próximos consideravam o dia da feira um momento propício para celebrar contatos e reuniões (PRODUR, 2006, p. 13).

Entre as ruas, feiras e romarias da incipiente Candeias circulavam homens e mulheres vivenciando o cotidiano, crescendo e constituindo as suas famílias. Com a primeira divisão administrativa do Brasil, a partir de 1933, o pequeno povoado de Candeias aparece como distrito do Município de Salvador. Durante as primeiras décadas do século XX, a sua concentração dava-se principalmente nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, nas terras do antigo engenho Pitanga, local que já havia passado por metamorfoses (EPIFANIA, 2008, p. 49). Até então, o povoado, não passava de algumas poucas ruas pavimentadas de pedras irregulares que convergiam para a Rua da Igreja Matriz. Não havia água encanada, os moradores se banhavam em fontes e a água para consumo humano era comprada dos aguadeiros, homens e mulheresque percorriam as ínfimas ruelas conduzindo burros carregados de barris. A iluminação elétrica era fornecida por gerador movido a querosene, que fornecia energia apenas entre 18 e 22 horas (FRAGA FILHO, 2000, p. 93).

Na condição de distrito da capital, não possuía independência no plano político e econômico (OLIVIERI, 1977, p. 11). Sobre o cotidiano do arraial e as mudanças no campo urbano ocorridas nessa época, temos a seguinte narração:

> Lá para os fins do ano de mil novecentos e trinta e sete, Candeias recebe um motor para a iluminação elétrica, fios, postes que foram colocados no centro das ruas, algumas com calçamento regular, outras, calçadas com pedras brutas. A luz a principio, era das dezoito as vinte e duas horas. Depois da experiência, estenderam mais a rede e a maioria das casas fizeram ligações, o motor não suportando a carga, o recurso dos encarregados foi dividir a iluminação em duas etapas. Uma parte do arraial recebia luz das dezoito às vinte horas e a outra parte mais tarde. Nos dias de festas, estendiam o horário. No período da segunda Guerra Mundial, quase que ficava totalmente às escuras, por falta de combustível. (SOUZA, [s. d.], p. 51).

Outra peripécia, com ares de profecia, transformou profundamente o território e a sociedade de Candeias. O evento ocorreu no inicio de 1940, quando se localizou no subsolo candeense, o tão sonhado petróleo. A descoberta e a exploração do “ouro negro” [5], assim como a notícia em tempos pretéritos de um milagre no século XVII, através do culto a Nossa

[5]Devido ao seu valor comercial, essa matéria-prima foi chamada de “ouro negro”.

Senhora das Candeias, trouxeram efeitos que mais uma vez mudaram a história do lugar (NETO, 2003, p.143). O pequeno centro religioso foi se transformando em um local profano, sendo "contaminado" pelo "progresso", com a presença de pessoas, máquinas e atividades estranhas ao lugar. De fato, as mudanças foram bruscas não só naquela região em que "[...] a exploração de petróleo no Estado da Bahia foi uma atividade econômica que, por sua natureza e seu vulto, necessariamente repercutiu em toda vida baiana" (AZEVEDO, 1998, p. 187).

Candeias: cidade petroleira

Após a ascensão de Getúlio Vargas ao poder através da Revolução de 1930 [6], medidas enérgicas foram tomadas em prol da industrialização do Brasil. Vargas entendia a necessidade de iniciar o projeto industrial no país, que o levasse a produtor e exportador de produtos e matérias-primas e revigorou o debate industrialista, que representou uma mudança de orientação dos poderes públicos em relação à questão das reservas minerais brasileiras. Nesse sentido, em todo o Brasil, pesquisas rumo a jazidas petrolíferas, tomaram força com a política desenvolvimentista, de reestruturação dos órgãos governamentais, em que, foi criado em 1934, o Departamento Nacional de Produção Mineral, em substituição ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, fundado em 1917, mas, que não teve êxito. (IVO, 2008, p. 19-20).

Nessa perspectiva, o governo brasileiro criou em 1938 o Conselho Nacional de Petróleo – CNP, órgão subordinado ao Ministério de Minas e Energia, responsável por gerir e fiscalizar o monopólio estatal do petróleo. Essa entidade governamental determinava que qualquer jazida de petróleo encontrada em solo brasileiro passaria a pertencer ao patrimônio nacional. Até então nenhum poço de petróleo de valor comercial havia sido encontrado no Brasil (COSTA, 1990, p. 40).

No Estado da Bahia, a busca por jazidas petrolíferas foram intensificadas na década de 1930, inicialmente com a ação do topógrafo Manoel Inácio Cordeiro e do engenheiro civil

[6]A Revolução de 1930 determinou o fim da Primeira República no Brasil (1889-1930). Essa foi a saída encontrada pelas classes sociais dominantes para superar a estagnação do sistema oligárquico. As contradições vigentes na metodologia agrário-mercantil se chocaram com as condições produtivas e comerciais do sistema capitalista industrial emergente no país. Atrelado a isso, ainda persistia no cenário global os efeitos da Crise de 1929. Levantes militares, conspirações políticas permanentes, repetidas greves de operários, insatisfação das camadas médias, ameaças de alguns Estados de separação da federação, enfim, este era o cenário nacional que precedeu e subsidiou a Revolução (TAVARES, 2001, 378-398).

Oscar Cordeiro. Esses pesquisadores foram os responsáveis por confirmarem a presença do tão sonhado petróleo no Brasil, em 1939, na região do bairro do Lobato, localizado no subúrbio da capital baiana (EPIFANIA, 2008, p. 52).

Depois de longa insistência de Oscar Cordeiro e Manoel Bastos, o CNP enviou equipes de técnicos ao Lobato, que fez a perfuração do solo, conseguindo trazer a superfície o "ouro negro" em janeiro de 1939 (IVO, 2008, p. 21-22). Finalmente a existência de petróleo foi confirmada no Brasil, inserindo o país em um novo processo industrial. O poço foi considerado antieconômico, mas produziu o suficiente para desmentir as afirmações de técnicos americanos e brasileiros, de que no recôncavo baiano não havia nenhuma possibilidade de ter petróleo. As pesquisas continuaram rumo a novas descobertas, como a do grande poço nas terras de Candeias, em 1941, que foi o primeiro poço comercial de petróleo do Brasil, abrindo caminho para a construção da primeira Refinaria de Petróleo em suas imediações, a Refinaria de Mataripe e, posteriormente, a criação da Petrobrás (COSTA, 1990, p. 38-39). Segundo Milton Matos, "[...] se Lobato se constituiu numa esperança, Candeias se transformou na mais esplêndida realidade" (MATOS, 1976, p. 45).

Com a década de 1940, após encontrarem o "ouro negro" em seu subsolo, o povoado de Candeias sentiu os primeiros impactos que a extração dessa matéria-prima traria, nos anos posteriores, para a região. O antigo engenho de cana-de-açúcar e, até então, centro de peregrinação religiosa, nunca mais seria o mesmo lugar. Percebe-se esta mudança com a chegada de máquinas que possibilitou a extração do precioso mineral, como dos sujeitos que foram responsáveis por operar a sonda que perfurou o poço em Lobato. O deslocamento da referida ferramenta e sua chegada à Rua da Igreja foi uma cena com ares de profecia, anunciando que a vida do arraial seria totalmente modificada. O registro da chegada da carreata, com o guincho da sonda nº 04 *Oilweell*, movida a diesel, sendo puxado por um trator com a ajuda de várias juntas de bois, constitui o conteúdo da imagem a seguir (SANTOS, 2008, p. 111).

Figura 01 - Foto da década de 1940 onde podemos ver juntas de bois puxando uma sonda de perfuração de petróleo.



Fonte: Imagem Jornal Petrobrás, Abril de 1989

O memorialista Souza presenciou parte desse grande acontecimento, a reação dos moradores locais ao início da perfuração do poço C-01:

> Em junho de 1941, dia de São Pedro, jorrou o ouro negro no campo de João Dias. Foi um dia de grande alegria quando Jonas, Freitas, Sergipe, Astor, Edgard Grande, Tarzan e outros, subiram a Ladeira da Estação lambuzados de petróleo até os olhos. Neste sentido, não vou me alongar e nada descrever, por já estar escrito para o mundo, com suor, vida, sangue e coragem dos que trabalhavam na gloriosa missão de ir buscar nas entranhas da terra, e nas profundezas do mar, o sangue negro que alimenta a paz, fomenta a guerra, responsável pelo que é destino das nações (SOUZA, [s. d.], p. 52).

Os trabalhos de perfuração do primeiro poço, chamado de C-01, iniciou-se em 2 de abril de 1941 e, em 31 de dezembro de 1941, o poço já produzia 75 barris de petróleo por dia. Depois do primeiro poço, centenas de outros foram abertos em Candeias e nas proximidades (SANTOS, 2008, p. 121-123). No final de 1941, já haviam constatado que o campo do Lobato não tinha caráter comercial, tendo sido localizados três outros poços no Recôncavo Baiano: Aratu, Candeias e Itaparica (IVO, 2008, p. 23). Então, fundamentados em estudos produzidos por técnicos com experiência em refinação de petróleo, apreendido em estágio e treinamento feitos em outros países, o governo teve motivos suficientes para autorizar o CNP, em 1947, a

construir a primeira Refinaria de Petróleo do Brasil, cujos trabalhos são iniciados em 1949 (FRAGA FILHO, 2000, p. 52).

Tornou-se comum ver no pequeno povoado de Candeias os funcionários da CNP com seus equipamentos, perfurando os primeiros poços de extração, com equipes de geofísicos estudando a estrutura dos terrenos e identificando topografias que poderiam conter jazidas de petróleo (OLIVIERI, 1977, p. 19). Esses trabalhadores passaram a alterar a paisagem urbana, a dinâmica social e cotidiana local, além de impactarem as relações econômicas e religiosas, onde predominavam, quase que exclusivamente, romeiros, agricultores, moradores, pequenos comerciantes e fazendeiros. Candeias, vizinha de Mataripe e da Vila de São Francisco do Conde, cresceu exponencialmente, tornando-se residência do novo operariado e base de operação de numerosas firmas subcontratadas da Petrobrás, sendo impulsionada pelo "progresso" trazido pela construção e montagem da indústria petrolífera (AZEVEDO, 1998, p. 42). Constituiu-se como uma espécie de cidade dormitório para muitos trabalhadores da Refinaria e dos campos de exploração:

> Vieram muitos operários para residir, as casas que ficavam fechadas para serem alugadas aos romeiros, foram ocupadas pelos trabalhadores, afinal, foi o ponto de partida para a emancipação econômica de Candeias. Pegava-se carona nos caminhões do CNP, porque era comum em todos os invernos, ficar-se sem trem, uma vez que de Água Comprida a Passagem dos Teixeira, a estrada de ferro desmoronava-se com as fortes chuvas e os trens ficavam paralisados. A estrada de rodagem de barro, às vezes também, não oferecia condições, mas eram por poucos dias, pois a própria empresa tinha equipe de trabalho para estes casos (SOUZA: [s. d.], p. 51).

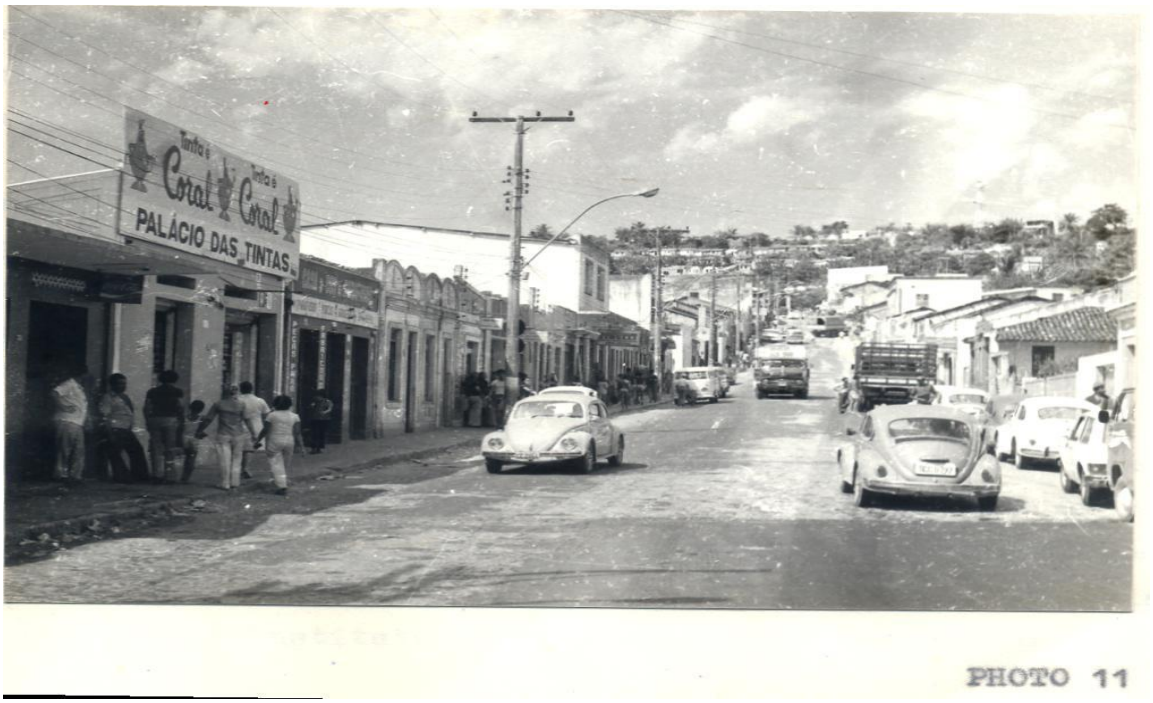
Esses trabalhadores migrantes, oriundos de localidades estranhas a Candeias, bem como os funcionários que já trabalhavam na Refinaria desde a época do CNP, passaram a movimentar o comércio local logo nos primeiros anos de atividades petrolíferas. Desta sorte, construíram-se estradas e pavimentaram-se ruas, facilitando o tráfego de veículos e pessoas. Acentuou-se também a circulação de embarcações nacionais e estrangeiras no porto de Madre de Deus, bem como de ônibus e trens nas demais localidades. A chegada da nova população superpovoou antigos bairros da cidade, estabelecendo-se novas formas de convivência urbana, de lazer e de valores (FRAGA FILHO, 2000, p. 90).

Foram urbanizadas as localidades próximas à indústria petroleira a partir da construção de casas e de novos estabelecimentos comerciais, que visavam atender aos trabalhadores que passaram a se concentrar por ali, aumentando o número de bares,

sorveterias, farmácias e lojas de miudezas. Surgiram também casas de artigos elétricos e móveis, anunciando um processo intensivo de urbanização com todo seu fenômeno sociocultural (AZEVEDO, 1998, p. 203). A procura por casas em Candeias aumentou e, com isso, o custo dos alugueis subiu de forma vertiginosa.

A maioria da população que residia em Candeias na década de 1950 morava no Bairro Central, local de desenvolvimento das primeiras habitações na região, principalmente no período do povoamento gerado pelas romarias com o culto a Nossa Senhora das Candeias. A chegada de trabalhadores migrantes e o significativo crescimento populacional refletiram-se em um desenvolvimento urbano, acelerado e espontâneo, que se traduziu pela criação de novos bairros e o povoamento de antigos. Assim, surgiram e se desenvolveram bairros como Malembá, Areia, Santo Antônio, Sarandi e Nova Brasília, que eram antigas fazendas que foram loteadas para a nova população trabalhadora migrante que chegava. Por falta de uma estrutura urbana, essas novas habitações foram construídas sem nenhum planejamento urbano prévio, o que tornou impossível, por esses tempos, a passagem de carros em algumas vias e ruas. (OLIVIERI, 1977, p. 77-78).

Figura 02 – Imagem da Rua Dois de Fevereiro, antiga Rua da Estação. Foi umas das primeiras regiões habitadas em Candeias e ficava próxima a estação ferroviária e da principal via de acesso a Mataripe. Nesta imagem percebemos a movimentação de veículos, assim como de estabelecimentos comerciais. Ao fundo da imagem podemos ver as casas no morro do Malembá, construções sem planejamento urbano nestes tempos.



Fonte: OLIVIERI (1977).

A fala de Manoel Ferreira, petroleiro aposentado e antigo morador, é um exemplo de como esses momentos permearam a memória daqueles que vivenciaram:

> Candeias era pequena, era pequena. Quando eu vim de Madre de Deus com a família... Essa casa eu fiz há pouco tempo, tem uns 30 anos que eu fiz esta casinha aqui... Quando eu cheguei aqui eu fui morar em casa de aluguel, para lhe dizer melhor não tinha nem gente... Foi também o que acontece, esse número de gente que veio trabalhar na Refinaria nenhum era de Candeias. Olhe! Vamos dizer assim, se pusesse 2.000 operários de Candeias e 10.000 era de outros estados. Aqui trabalhava gente da Paraíba, Pernambuco, de Maceió, de São Paulo e vinha muita gente trabalhar, chegava aí e já vinha tudo fichado, chegava hoje, amanhã, tava fichado, trabalhando (MANOEL FERREIRA, 01/08/2007).

O aumento do contingente populacional e a expressiva dinâmica econômica, resultante das atividades petrolíferas, favoreceu muito a localidade de Candeias, tendo conquistado a condição de cidade em 14 de agosto de 1958 (FRAGA FILHO, 2000, p. 90), oito anos após a construção da Refinaria, devido às receitas arrecadadas derivadas dessa atividade. Segundo Azevedo (1998, p. 200), o aumento populacional na cidade alterou o número de eleitores, que passaram a exigir melhorias na infraestrutura urbana do povoado, influenciando, consequentemente, nos valores, concepções e lealdades partidárias de Candeias.

Para compreender o aumento populacional, com a migração de pessoas atraídas pelo "ouro negro", recorremos a estudos e dados que pudessem apresentar esse processo transitório. O artigo "Mudanças na dinâmica demográfica de Salvador e sua Região Metropolitana na segunda metade do século XX", publicado na Revista Bahia e Dados (CARVALHO, 2000, p. 37) indica que a população de Candeias, na década de 1940, era de 363 habitantes, aumentando na década 1950 para 7.196 habitantes, estando em 1960 com um percentual de 18.484 moradores, na década de 1970 com 34.195 habitantes.

De acordo com dados apresentados pela CONDER[7], antes do surgimento da Petrobras em suas proximidades, a população de Candeias apresentava-se pequena e de crescimento pouco significativo, o que se atribuiu ao fraco dinamismo interno apresentado por sua economia. Em 1950/60, a taxa populacional cresceu consideravelmente, chegando a 4,8%. Os

[7]Os dados apresentados pelos relatórios da CONDER são confirmados pelos dados do Censo IBGE de 2000. Optamos por trabalhar com os dados da CONDER por apresentarem os dados estatísticos sobre o crescimento populacional com explicações sobre a dinâmica social e as mudanças econômicas que aconteceram na localidade com a presença destes novos trabalhadores.

dados dessa instituição também revelaram que em 1970 o maior número de migrantes presentes em Candeias provinha do Estado da Bahia, cerca de 91%, e os 9% restantes de outros Estados do país, sendo mais representativos os que vinham do Nordeste, principalmente dos Estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco[8]. Os dados apresentados confirmam a migração de trabalhadores para Candeias, atraídos principalmente pela oportunidade de emprego na indústria petrolífera e das firmas subcontratadas da Petrobras.

Decorrente da presença desses novos agentes, na década de 1950, já eram perceptíveis às alterações acontecidas em Candeias:

> De simples centro religioso, o povoado rapidamente se transformou na "capital do petróleo". Impressionado com as bruscas transformações que vinham ocorrendo na localidade no curso dos anos 50, conta um antigo morador. "Firmas e firmas mais fichando trabalhadores que chegavam dos estados, do interior e de outros países. Dinheiro em abundância parecendo que todo mundo era rico" (FRAGA FILHO, 2000, p. 28).

No final de década de 1950 e início de 1960, Candeias começou a urbanizar-se e desenvolver-se economicamente devido a presença do corpo político atuante[9]. O movimento comercial acentuou-se na região e a feira fora transferida para a Rua 13 de maio e Rua 21 de abril, buscando atender a nova população, com a presença, principalmente, dos operários da Refinaria de Mataripe. Nessa rua, o primeiro prefeito, que assumiu a gestão da cidade de Candeias em 7 de abril de 1959, construiu o prédio que abrigou durante décadas a prefeitura, o Fórum e a Câmara de Vereadores do município. O antigo Largo da Feira foi transformado na praça central da cidade, chamada de Praça Dr. Francisco Gualberto Dantas Fontes.

Figura 03 – Imagem da Feira de Candeias. também podemos ver nessa fonte, ao lado direito, o prédio da prefeitura e câmara de vereadores, construído durante a gestão do primeiro prefeito da cidade.

[8]Relatório Preliminar do Munícipio de Candeias. CONDER. 1977. p. 41-42.

[9]Candeias foi desmembrada de Salvador e emancipada, conforme mencionado, em 14 de agosto de 1958. Até então, a organização politica e administrativa ficava sobre o domínio da capital. O primeiro prefeito eleito pelo voto popular foi o Dr. Francisco Gualberto Dantas Fontes, médico da Petrobrás, que a pedido do governador Luís Viana Filho, assumiu a prefeitura em abril de 1959. O primeiro prefeito iniciou o processo de organização politica-administrativa da Cidade, além de iniciar a modernização urbana e instalação de órgãos municipais e secretarias, até então inexistentes na localidade (SANTOS, 2008, p. 148).



Fonte: OLIVIERI (1977).

Segundo Epifania (2008, p. 56), as principais transformações estruturais que exigiram mudanças foram: o aumento da população assalariada, o crescimento do núcleo urbano para áreas mais afastadas do centro religioso e a criação de infraestrutura para facilitar os transportes de trabalhadores e equipamentos para a Refinaria, bem como o surgimento de uma classe média que possibilitou a criação de um movimento de emancipação de Candeias. A nova população passou a questionar a falta de infraestrutura e a exigir melhorias na localidade que passaram a habitar.

Quem eram esses trabalhadores que povoaram os bairros e passaram a residir em Candeias com a descoberta do petróleo? Quais mudanças de ordem econômica e social que a presença desses empregados masculinos trouxe para o até então centro de peregrinação religiosa? Azevedo (1998, p. 199) argumenta que, com a inserção dos trabalhadores migrantes da indústria petrolífera nessas regiões, formou-se uma nova classe urbana constituída de burocratas, técnicos e operários qualificados, com capacidade aquisitiva às vezes mais alta do que a escassa classe média local, secularmente constituída de comerciantes, funcionários públicos e uns poucos profissionais liberais e médios fazendeiros. Entendemos que, nesse quadro traçado pelo sociólogo Thales de Azevedo (1960), também podemos inserir os

operários menos graduados, sem qualificação específica, também chamada de "trabalhadores braçais", os quais, juntamente com os graduados e técnicos, compuseram inicialmente a nova sociedade candeense.

Esses trabalhadores, conforme nos citam as diversas fontes historiográficas SANTOS 2008) e (AZEVEDO, 1960), construíram bens em um curto espaço de tempo, possibilitando uma expressiva circulação monetária, sendo facilmente identificáveis no município, principalmente por conta do macacão e capacete de alumínio e, não ficando de fora, a sua condição salarial e empregatícia. Diante desse quadro, as transformações de ordem econômica produzidas por esses homens, fizeram deles, no imaginário da sociedade candeense, pessoas privilegiadas, pois moravam nas melhores ruas e bairros[10], colocavam seus filhos em escolas particulares, frequentavam clínicas particulares e tinham acesso a bens de consumo como carros, geladeiras e televisores (SANTOS, 2008, p.131).

Dessa forma, surgiram na região discursos e atitudes que representavam os trabalhadores do petróleo como "homens ricos", inserindo aqueles que recebiam um salário mínimo ou mais nesta indústria. Com a industrialização do Brasil dando os seus primeiros passos, a partir do final da década de 1950 e inicio da década de 1960, ser "petroleiro" significou status em Candeias. Tal fato ocorreu, sobretudo, devido ao salário desses trabalhadores ser acima da média local. Os direitos assegurados aos trabalhadores, ainda no período do CNP, eram uma raridade na época. Era privilégio possuir carteira assinada, refeitório, posto médico e odontológico, moradia, cantina e outros benefícios, o que colocava os petroleiros em vantagem se comparado às condições de trabalhadores de outras localidades (OLIVEIRA JÚNIOR, 1996, p.42). Também devemos considerar que naquele período, na transição da década de 1940/50/60, as leis trabalhistas não vigoravam uniformemente no Brasil e, ter carteira assinada, com garantias trabalhistas assistidas, significava um diferencial.

As mudanças de cunho econômico, social e cultural passaram a ser perceptíveis e o contingente de pessoas com dinheiro em mãos trouxe consigo mais negócios e oportunidades de crescimento econômico no âmbito comercial, desfazendo as amarras da economia agrícola tradicional. Muitos desses homens conseguiram ascender economicamente, e essa ascensão expressou-se na forma com que se vestiam, nos eletrodomésticos que possuíam e na forma

[10]Principalmente nos bairros Centro, Pitanga e Nova Brasília.

que construíam as suas casas (FRAGA FILHO, 2000, p. 108). Surgiu, uma nova "classe média" em Candeias, composta de homens brancos, pardos e pretos, a maioria sem escolaridade, advindos de atividades rurais.

Junto com a construção de uma nova estrutura urbana, novos espaços de modernidade e sociabilidade foram constituídos para atender os novos sujeitos que alterava o polo de referencia religiosa. Era necessário modernizar e inserir ambientes de lazer, em que surgiram diversos clubes onde aconteciam eventos sociais e apresentações artísticas e musicais: o Ideal Esporte Clube, o Brasil Esporte Clube e o Clube Bola Verde.

Considerações Finais

Em ambos os momentos, a territorialidade alterou-se, transfigurando os espaços, as atividades econômicas, culturais, religiosas e políticas, com a inserção de novos valores e sujeitos históricos. A descrição da história da cidade, assim como seus processos transitórios movimentados pela economia e/ou religiosidade foram apresentados nesse artigo por considerar que a cidade é um corpo vivo, que respira, pulsa, movimenta-se. A cidade foi transformada e transformou aqueles que nela estavam inseridos.

De acordo Guattari (1986), o território é sinônimo de apropriação, de subjetivação, conjunto de representações e projetos nos quais resulta em uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos. Entender a cidade na sua constituição, formação e apropriação do território, possibilita, também, compreender os sujeitos que dela fizeram parte em seus movimentos, transformações, continuidades, permanências e faz-nos entender como os indivíduos pensavam, viviam, relacionavam-se, expressavam-se em suas vidas cotidianas (Guattari, p. 323).

O antigo Engenho Pitanga, que se transformou em Vila de Nossa Senhora Candeias entre os séculos XVI ao XIX, na transição da década de 1970 para 1980, já respirava ares da modernidade, desfazendo as amarras da economia tradicional. Destarte, Candeias metamorfoseou-se, e implicou transmutações àqueles que nela se inseriu, fossem romeiros, petroleiros e outros indivíduos, que moldaram novas práticas de pensar/viver/sentir e alteraram o urbano, o cotidiano e o ser cidade.

Referências e Fontes

ABREU, José Capistrano de. *Capítulos da História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

EPIFANIA,Anderson Gomes. *Encontros e Desencontros entre o Sagrado e o Urbano no Cotidiano de Candeias – Bahia.* Dissertação de Mestrado em Geografia (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Departamento de Geociências. Salvador/Ba: Universidade Federal da Bahia, 2008, 175 p.

FRAGA FILHO, Walter (et al). *Uma Luz na Noite do Brasil*: Refinaria Landulpho Alves 50 anos de história.Salvador: Design e Editora, 2000.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. *Cartografias do Desejo***.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

IVO, Alex de Souza. *Uma história em verde, amarelo e negro*: classe operária, trabalho e sindicalismo na indústria do Petróleo (1949-1964). Dissertação (Mestrado em História – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador/Ba: Universidade Federal da Bahia, 2008, 183 p.

MATTOS, Wilson Roberto (et al). *Uma Luz na noite do Brasil:* Refinaria Ladulpho Alves 50 anos de história. Salvador: Solisluna Designer e Editora.

NETO, Isaias. Questão Urbana como questão política: Ensaio sobre a experiência de planejamento urbano em Candeias e Senhor do Bonfim. In:JUNIOR, Milton Esteves; URIARTE, Urpi Montoya (ORG.) *Panoramas urbanos*: Reflexões sobre a cidade, Salvador: EDUFBA, 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, Franklin**.** *A usina dos sonhos*: sindicalismo petroleiro na Bahia.Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

OTT, Carlos. *Povoamento do Recôncavo Baiano pelos Engenhos 1536 – 1888.* Salvador: Bigraf, 1996.

SCHWARTZ**,** Stuart B. *Segredos Internos*: engenhos e escravos na sociedade colonial.São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia.* Salvador: EDUFBA, 2001.

Fontes (almanaques, livretos, folhetos, relatórios)

AZEVEDO, Thales de. *Problemas sociais da exploração de petróleo na Bahia*. Publicação da Imprensa Oficial: 2º Edição, 1960

COSTA, Eunápio Cavalcanti. *No rio dos papagaios*: histórias, casos e causos Mataripenses. Salvador: Gráfica e Editora Arembepe, 1990.

Livrinho de Nossa Senhora das Candeias. Ed. Era Nova Ltda: Bahia, 1949.

MATOS, Milton dos Santos. *Evocação Épica da Bahia.* Salvador: Editora Itapoan,1982.

MATOS, Milton dos Santos. *Recôncavo berço dos Canaviais.* Salvador: Editora Itapoan, 1976.

Prefeitura Municipal de Candeias. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano* CETEAD – PRODUR, 2000.

SANTOS, Jair Cardoso dos. *Candeias* – História da Terra do Petróleo. Salvador: Editora Gráfica Salesiano, 2008.

SOUZA, Péricles Vasconcelos de. *Lembranças e coisas da minha terra.* Salvador: R.S.Melo (s/d)

OLIVIERI, Alberto Freire de Carvalho. *Candeias une petitedans la RegionMetropolitaine de Salvador.* Toulosse, France, Université de Toulouse lê Mirail, 1977.

Revistas e Periódicos

CARVALHO**,** Ana Lúcia Borges de;et,al.Mudanças na dinâmica demográfica de Salvador e sua Região Metropolitana na segunda metade do século XX. In: *Revista Bahia Análise e Dados*. Leituras da Bahia II. Salvador, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2000.

Jornal *da Petrobrás*, Abril de 1989.

Fontes Orais

Manoel Ferreira, mais de 80 anos, trabalhou durante toda a sua vida na Petrobras como tratorista. Também é antigo morador de Candeias. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 01/08/2007, em Candeias/Bahia.